

MEDO EM SER E TEMPO E A IDEIA DE VULNERABILIDADE

FABRÍCIO SANTOS BITTENCOURT¹; ROBINSON DOS SANTOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – fabricio.bitt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dossantosrobinson@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No § 30 de *Ser e Tempo*, HEIDEGGER (2012, p. 399) traz uma abordagem do medo sob o pretexto de demonstrar de forma mais concreta o fenômeno do encontrar-se (*Befindlichkeit*) no *modus* determinado do medo. Nesse sentido, ele desenvolve sua perspectiva sobre o tema, em articulação aos objetivos da obra em questão, que propõe uma análise do *Dasein* – um conceito análogo ao de “ser humano” no contexto da filosofia heideggeriana.

Tendo em vista a pertinência da abordagem da obra em questão para a tematização do assunto, e perante dificuldades que podem se apresentar em sua compreensão, pode ser frutífera a construção de significações paralelas para a tematização do conceito de medo. Então, ponderou-se sobre a possibilidade de abordagem da temática em articulação ao conceito de vulnerabilidade. Nesse sentido, com o auxílio da literatura, este trabalho pretende apresentar soluções à proposta de revelar pontos de contato razoáveis entre ambos os conceitos.

Apesar do termo “vulnerabilidade” não ser usado pelo filósofo (NOGUEIRA, 2008, p. 261), optou-se por considerá-lo devido à familiaridade que pode ter para os leitores(as); visando uma maior aproximação com a filosofia de *Ser e Tempo* e uma melhor compreensão do fenômeno do medo. Adotou-se, portanto, como questão norteadora a pergunta sobre possíveis pontes para a referida articulação, no sentido de um ganho de inteligibilidade para perante o tecido conceitual de *Ser e Tempo*. A versão da obra adotada fora a tradução bilíngue de Fausto Castilho (HEIDEGGER, 2012). Ademais, dialogou-se, principalmente com as contribuições de RODRIGUES (2023), WERLE (2003) e de diferentes verbetes do *Dicionário Heidegger* (INWOOD, 2002a; 2002b; 2002c).

2. METODOLOGIA

Com base na pesquisa bibliográfica e análise textual e conceitual, buscou-se pistas e interpretações sobre o tema, além de interrogações que se mostraram pertinentes à natureza do trabalho. Porque no § 30 o medo é referido como “[...] um *modus* do encontrar-se” (HEIDEGGER, 2012, p. 403, grifo do autor), optou-se por abordar, inicialmente, o parágrafo anterior, “O Da-sein [*ser-‘aí’*] como encontrar-se”, destacando alguns pontos de interesse com relação ao encontrar-se, para uma melhor articulação com a abordagem sobre o medo. E, num segundo momento, em “Medo em *Ser e Tempo* e o conceito de vulnerabilidade”, a abordagem do medo no § 30, visando à tematização do conceito em questão. Aqui, partiu-se deste parágrafo, com uma reconstrução do texto a partir de alguns dos seus elementos, em articulação aos referenciais adotados e à ideia de vulnerabilidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“*Befindlichkeit*” (encontrar-se), a “[...] abertura afetiva, estrutura fundamental do ser-aí” (BORGES-DUARTE, 2015 *apud* DOS SANTOS, 2019, p. 133), pode ser traduzido por “disposição afetiva” (DOS SANTOS, 2019, p. 133). Para HEIDEGGER (2012, p. 383), ela é o que há de onticamente mais conhecido e cotidiano: “o estado-de-ânimo [*Stimmung*], o ser em um estado-de-ânimo”, um “[...] modo de estar aberto ao ente que vem ao encontro no mundo” (SILVA, 2020, p. 66 *apud* RODRIGUES, 2023, p. 40). Nesse sentido, é importante frisar que “a abertura designa a possibilidade fundamental do homem: a possibilidade de que o ente [...] se mostre a ele por si mesmo, isto é, sem a mediação de outro ente” (PATOCKA, 1999, p. 24-28). Por outro lado, os estados-de-ânimo “[...] são a força envolvente que sobrevém a nós e às coisas, ao mesmo tempo” (INWOOD, 2002, p. 93 *apud* RODRIGUES, 2023, p. 39), de modo que há uma inescapabilidade deles. É algo que “[...] como uma sintonia, [...] envolve o ser-aí, contrapondo-se a ideia de subjetividade e de estados psíquicos” (KOECHER, 2013, *apud* DOS SANTOS, 2019, p. 134). Há, então, uma (in)determinação relacionada com as condições que compõem o devir cambiante em que o *Dasein* encontra. Ainda, segundo HEIDEGGER (2014, p. 379-381 *apud* RODRIGUES, 2023, p. 36), o ser-aí (*Dasein*) “[...] traz em seu ser mais próprio o caráter de não ser fechado. O termo aí significa essa essencial abertura. Por meio dela esse ente (*Dasein*) é para ele mesmo ‘aí’, unido com o ser ‘aí’ de mundo”.

Ademais, HEIDEGGER (2012) permite inferir há uma fuga do estado-de-ânimo para percepção da posição ontológica que o *Dasein* ocupa como ser-no-mundo. No entanto, na medida de sua indeterminação, sendo um “aí”, essa posição pode ser conflitiva, pois não há orientações prévias, ontologicamente, sobre aquilo que ele deve escolher. Neste sentido, embora suas possibilidades reais sejam sempre situacionais, porque estão vinculadas ao contexto em que se encontra, ele é, antes mesmo da percepção de suas possibilidades (interpretação), abertura, pura percepção. “Já que *Dasein* é simplesmente lançado, e não lança a si mesmo, o ser-lançado, o fato de que *Dasein* é, não está sob o controle de *Dasein* [...] [e o] conduz à projeção[...].” (INWOOD, 2002c, p. 170-171). O projetar, então é um aspecto determinante, que contrapõe-se (é como que a contraparte “ativa”, sendo uma ação) ao fato de que *Dasein* é um “[...] ente [...] indeterminado, é abertura[...] mesmo ‘dentro’ de uma possibilidade e não sendo tantas outras, continua aberto para poder-ser outras” (RODRIGUES, 2023, p. 37). O fato de estar em uma situação específica tem relação com a possibilidade de ser orientado por este dado. Estar localizado espaço-temporalmente e em um estado-de-ânimo permite uma multiplicidade de orientações associadas a esta condição. Sua situação determina o conjunto de significações possíveis sobre sua condição – que está relacionada a suas demais possibilidades, as quais pode desconhecer, mas que (em estados conscientes) pode assumir, com base na compreensão do ser do *Dasein* que são (mesmo que apenas virtualmente).

Por outro lado, “projetar [...] um mundo [permite] [...] tornar-se consciente de si mesmo enquanto tal, assim como de outros entes[...] [e] é uma resposta ao ser-lançado, um modo de ‘assumir o seu comando’ sem ‘deixá-lo para trás’ [...]” (INWOOD, 2002c, p. 171). A tomada de consciência do ser-aí, que deve “[...] escolher por si mesmo o que fazer” (INWOOD, 2002a, p. 23), o entrega à responsabilidade. Ademais, “[...] sua liberdade torna possível que o ente seja ou egoísta ou altruísta” (HEIDEGGER, 1978, p. 24 *apud* INWOOD, 2002b, p. 30). No entanto, perante à quase onipresença do estado-de-ânimo, o que podemos é nos “[...] assenhorearmos factualmente de um estado-de-ânimo [...] sempre a partir de um estado-de-ânimo oposto” (HEIDEGGER, 2012, p. 389). As oscilações de humor permitiriam o reconhecimento da vulnerabilidade como condição do *Dasein*, já que estar em um

estado mais “fechado” permite que ele se “proteja” do mundo; e, em momentos de maior abertura, que reconheça que é mais do que um ser vulnerável. As diferentes situações permitem que ele perceba sua afetabilidade, que pode apontar para sua vulnerabilidade (ontológica ou situacional) e finitude. Neste sentido, NOGUEIRA (2008, p. 261) sugere que o termo “vulnerabilidade” “se acerca do sentido metafísico da palavra finitude[...]”.

Ademais, para WERLE (2003, p. 110), “[...] a angústia revela [esta] [...], o fato de que o homem tem um fim[...]” HEIDEGGER (2012) aponta para a possibilidade de consideração de três pontos de vista de análise sobre o fenômeno do medo. O primeiro, sobre aquilo diante-de-que se tem medo, revela: “O que pertence ao temível como tal e o que-vem-de-encontro no ter medo? Aquilo diante de que há medo tem o caráter da ameaça” (HEIDEGGER, 2012, p. 401). Seria este indício da vulnerabilidade do *Dasein*? O temível, para ser percebido como tal, requer a percepção de um ser sensível. O segundo, sobre o “ter medo”, pode-se interpretá-lo como aquilo que revela o “ameaçador” como tal. E no terceiro, sobre o porquê do medo, afirma-se que é “[...] o ente que a si mesmo se atemoriza, o *Dasein*[...] um ente para o qual em seu ser está em jogo” (HEIDEGGER, 2012, p. 403, grifo do autor). Isso aponta para a vulnerabilidade ontológica do ser-aí. Porém, ele “[...] tem de suportar o peso de sua existência” (WERLE, 2003, p. 105, grifo do autor). Sua tarefa vai além de ter que lidar com os ricos atrelados à sua vulnerabilidade. Reconhecê-la, no entanto, permite redimir esse fardo.

4. CONCLUSÕES

Com base no exposto, buscou-se sugerir que a abertura do *Dasein*, no modo existenciário do encontrar-se do medo, poderia propiciar o reconhecimento de sua vulnerabilidade. Na medida em que *Ser e Tempo* contém a ideia de um ser sensível capaz de atribuir sentido – que possui uma estrutura que permite sua dimensão afetiva (HEIDEGGER, 2014 *apud* RODRIGUES, 2023, p. 38) – é possível propor que, sob condições de risco, é vulnerável aos acontecimentos dos quais participa. Sua vulnerabilidade ontológica não seria uma desvantagem, permitindo o reconhecimento de sua susceptibilidade, que pode estar vinculada ao de sua finitude; o que é de grande importância para a moral, já que traz decorrências de primeiro grau em contextos de deliberação prática, com a possibilidade da atribuição de valor/es à vida.

É motivo de curiosidade que algo tão básico, como o medo, possa escancarar a condição ontológica do *Dasein* como ser vulnerável, sem apelos à linguagem. E, em contraste, de alguma vulnerabilidade contingente (situacional), que, para sua verificação, pode depender de um processo analítico posterior à experiência do medo. Por exemplo, se o ser-aí deseja avaliar se a crença na vulnerabilidade para o qual um medo aponta está justificada racionalmente, pode necessitar da linguagem – um instrumento característico de sua condição. Então, tendo em vista “[...] interdependência mútua dos conceitos de medo, angústia, nada e morte” (WERLE, 2003, p. 112), pode-se destacar o reconhecimento de sua vulnerabilidade como parte do processo de amadurecimento do *Dasein*: “O porquê do temor [ou ‘medo’] é o próprio *Dasein* entregue a si mesmo ou às outras espécies de ente. O temor revela a essencial vulnerabilidade do ser humano” (NUNES, 2002, p. 14).

No entanto, há uma assimetria entre ambos os conceitos: é possível ser (ou estar) vulnerável sem sentir medo e impossível encontrar-se com medo sem ser vulnerável. O *Dasein* é ontologicamente vulnerável a uma série de coisas, ainda que estas dependam das circunstâncias, que sejam apenas possibilidades.

Diferentemente da vulnerabilidade (que não é apenas atrelada à sensibilidade), o medo pode dar lugar à confiança; e é possível perguntar sobre as situações que revelam vulnerabilidade no *Dasein*, e, também, sobre aquelas que a tornam maior. Neste sentido, quais instâncias do ser contribuem para desvelá-la? Ao tornar-se mais capazes de compreender (a articulação do medo com) a vulnerabilidade, seria possível evitar o medo que conduz ao ódio e intolerância ao novo e ao diferente? Seria esta consequência do medo evitável?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOS SANTOS, G. A. Befindlichkeit e Stimmung: os afetos na analítica existencial de Martin Heidegger. **Revista Diaphonia**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 130-137, 2019.

HEIDEGGER, M. O ser-em como tal. *In*: HEIDEGGER, M.; CASTILHO, F. (Org.). **Ser e tempo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. Cap. 5. p. 375-506.

INWOOD, M. Consciência e débito/culpa. *In*: INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002a. p. 22-23.

INWOOD, M. Dasein. *In*: INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002b. p. 29-31.

INWOOD, M. Ser-lançado e facticidade. *In*: INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002c. p. 170-172.

NOGUEIRA, R. P. Extensão fenomenológica dos conceitos de saúde e enfermidade em Heidegger. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 259-266, 2011.

NUNES, B. **Heidegger & Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PATOCKA, J. A "**abertura**": primeiro ensaio. [S. l.], 5 dez. 2023. Tradução cedida por Cardoso de Castro. Disponível em: <https://ereignis.hyperlogos.info/Patocka-1999-24-27-a-abertura>. Acesso em: 8 ago. 2024.

RODRIGUES, N. **Sobre a necessidade de reflexão acerca das tonalidades afetivas a partir da cotidianidade de Dasein**. 2023. 85f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cap. 2.

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação: Revista De Filosofia**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003.